

BRUTALIDADE E CIVILIZAÇÃO EM *PRIMAL*: LEITURA MITOCRÍTICA

BRUTALIDAD Y CIVILIZACIÓN EN PRIMAL: LECTURA MITOCRÍTICA

BRUTALITY AND CIVILIZATION IN PRIMAL: MYTOCRITICAL READING

Amanda Gabriele da Silva ¹
amandagabrieled17@gmail.com

Florence Dravet ²
flormd@gmail.com

RESUMO

O artigo desenvolve uma análise mitocrítica sobre a série animada *Primal* (2019), disponível na plataforma *HBO MAX*. Parte-se do mito grego de Prometeu para interpretar o comportamento do personagem Spear ao longo da primeira temporada. Discorre-se sobre como Spear, enquanto homem primitivo, interage com a natureza e os personagens que o acompanham em sua jornada, especialmente a dinossaura fêmea Fang, e se identifica nele traços prometeicos. Em um cenário no qual violência, brutalidade, astúcia e sagacidade são onipresentes, um imparável ciclo de caçar para não ser caçado predomina diante da ausência de organizações sociais de maior complexidade, obrigando os protagonistas e o público a reverem seu entendimento sobre a criação de laços e sobre os primeiros sinais de civilização.

Palavras-chave: Prometeu. Imaginário. Série.

¹ Bolsista de Iniciação Científica do Projeto “As formas do mito nas narrativas seriadas digitais: contribuições ao letramento digital” financiado pelo CNPq – Edital Universal 2021, desenvolvido na Universidade Católica de Brasília (UCB).

² Profa. Dra. membro docente permanente do Mestrado em Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília (UCB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – PQ2.

ABSTRACT

The article aims to develop a myth-critical analysis of the animated series *Primal* (2019), available on the HBO MAX platform. It starts from the Greek myth of Prometheus to interpret the behavior of the character Spear throughout the first season. It discusses how Spear, as a primitive man, interacts with nature and the characters that accompany him on his journey, especially the female dinosaur Fang. Promethean traits are identified in him. In a scenario where violence, brutality, cunning and wit are omnipresent, an unstoppable cycle of hunting in order not to be hunted predominates in the absence of more complex social organizations, forcing the protagonists and the public to review their understanding of the creation of bonds. and about the first signs of civilization.

Key words: Prometheus. Imaginary. Serial.

RESUMEN

El artículo desarrolla un análisis mítico-crítico de la serie animada *Primal* (2019), disponible en la plataforma HBO MAX. Se parte del mito griego de Prometeo para interpretar el comportamiento del personaje Spear a lo largo de la primera temporada. Discute cómo Spear, como hombre primitivo, interactúa con la naturaleza y los personajes que lo acompañan en su viaje, especialmente el dinosaurio hembra Fang, y se identifican en él rasgos prometeicos. En un escenario donde la violencia, la brutalidad, la astucia y el ingenio son omnipresentes, predomina un ciclo imparable de caza para no ser cazado en ausencia de organizaciones sociales más complejas, obligando a los protagonistas y al público a revisar su comprensión sobre la creación de vínculos. y sobre los primeros signos de civilización.

Palabras clave: Prometeo. Imaginario. Serie.

1 INTRODUÇÃO

A série animada *Primal*, de Genndy Tartakovsky³, conta a história de duas forças opostas e semelhantes na mesma medida: Spear e Fang, um humano e uma fêmea dinossauro que, anacronicamente, habitam o mesmo universo narrativo. A história gira em torno de como esses dois personagens, unidos por uma tragédia sangrenta, aprendem a ressignificar suas existências em uma era pré-histórica enquanto se adaptam ao aparecimento de um novo laço entre eles. No que diz respeito ao tipo de narrativa seriada, *Primal* pode ser considerada uma “narrativa teleológica”, de acordo com as modalidades enunciadas por Arlindo Machado (2000, p. 84), ou seja, uma narrativa com um conflito básico que estabelece um desequilíbrio estrutural (a morte da família dos dois personagens principais), a evolução posterior dos acontecimentos consistindo no empenho em restabelecer o equilíbrio perdido. A série, cuja primeira temporada foi dividida em dez episódios, se caracteriza por ser totalmente desprovida de diálogos, com uma comunicação não verbal visual e uma trilha sonora potente que mantém um ritmo acelerado e quase ininterrupto de ações de violência. Visualmente, o público e a crítica têm apontado para a junção inusitada entre violência e beleza, esta última recaindo sobretudo nos motivos da própria natureza, desenhados e animados por Tartakovsky.

De acordo com Mckee (1997), a estrutura de uma narrativa é construída pelos personagens e os personagens são a própria estrutura. Sendo assim, é importante, para além da caracterização de Spear e Fang, entender como seu arco narrativo se constrói, revelando aos poucos a verdade dos personagens e determinando a estrutura da série. A história começa mostrando Spear, um caçador, perdendo violentamente toda sua família durante o ataque de um grupo de dinossauros, o que causou seu ressentimento pela espécie. Mais tarde, ele se feriu gravemente ao vagar em busca de recursos e foi resgatado pela fêmea dinossauro Fang, que o levou até sua caverna. Inicialmente, ele reage com desconfiança e agressividade, até ver a relação dela com seus filhotes e se compadecer. Chega então um momento em que um dinossauro semelhante aos que

³ Diretor, roteirista e criador de séries de animação, Tartakovsky nasceu em 1970 em Moscou na então União Soviética e se mudou ainda criança para os Estados Unidos onde estudou e desenvolveu uma carreira de criador audiovisual. É autor de séries de sucesso como "O laboratório de Dexter", "Samurai Jack" e a série em estudo "Primal".

atacaram sua esposa e filhos encurrála o grupo e, durante o embate entre ambos, acaba por se alimentar dos filhotes de Fang. Agora unidos por um laço de sangue e ódio, os dois se juntam para enfrentar o inimigo em comum que, uma vez ceifado, vinculou para sempre esses personagens tão distintos e antagônicos. Em sua jornada juntos, eles enfrentam desde predadores e carneiros até bruxas e espíritos para sobreviver, sendo levados a ressignificar suas relações para consigo mesmos e o ambiente ao seu redor na medida em que criam uma ligação cada vez mais profunda, deixando de serem opostos naturais para se tornarem uma díade de espírito em equilíbrio.

Rico em carga simbólica e mitológica para ser estudada (LOSADA, 2022), o universo criado por Tartakovsky apresenta um personagem típico do mito de Prometeu, um Titã contra o mundo, que não domina a natureza e precisa se valer dela para sobreviver enquanto evolui. Nesse contexto, violência e inteligência tornam-se ferramentas inerentes ao desenvolvimento humano no decorrer de seu processo de civilização durante tempos primordiais e hostis.

Para Durand (2000), antigas mitologias e narrativas modernas como as da literatura, da filosofia, da política, da história, do cinema (e não será diferente com as animações digitais) estão ligadas por um elo de continuidade, mesmo quando o mito não é nomeado enquanto tal. É no nível simbólico que o mito continua sustentando as narrativas, dando-lhes seu sentido mais profundo, nem sempre identificável em um primeiro momento (BARROS, 2019; WUNENBURGER, 2022). A mitocrítica consiste em trazer à superfície da consciência os conteúdos míticos subjacentes a uma narrativa, qualquer que seja seu formato e seu meio. Já a mitanálise consiste em identificar os mitos diretores não de uma narrativa isolada, mas de uma sociedade, por meio do estudo de suas produções narrativas coletivas. O próprio Durand (1996) explicitou que, muitas vezes, a mitocrítica pode conduzir à mitanálise. Ou seja, é possível depreender de uma análise mitocrítica tendências mitanalíticas a serem confirmadas (ARAÚJO e ALMEIDA, 2018).

A noção de mitema (LÉVI-STRAUSS, 1958) - a menor unidade de sentido do discurso mítico, redundante e repetitiva, identificável por homologia - e a de mitologema (JUNG, 2013) - essa narrativa resumida e abstrata que corresponde a uma situação mitológica e forma o esqueleto de uma obra - permitem identificar os traços

mitológicos de uma narrativa (FANTINEL, 2022). Desta forma, aqui, relacionam-se os temas do antigo mito de Prometeu e da origem do processo civilizatório, igualmente o tema da chegada do feminino com o mito de Pandora, as recorrências simbólicas, as situações e personagens e correlacionam-se os sentidos do mito ao espírito da época contemporânea. Aqui salienta-se que os pares civilização/selvageria e masculino/feminino não serão abordados em seu sentido de construção histórico-social, mas em seu sentido arquetípico (JUNG, 2014), em que as polaridades são intrínsecas à constituição da natureza do humano e de sua psique.

Como observa Barros (2022) em sua identificação dos tipos de pesquisa em Comunicação que estudam o imaginário, é preciso distinguir a perspectiva ontológica que adotamos aqui (o imaginário como fundador da realidade) das duas outras comumente utilizada nas pesquisas em Comunicação: a primeira e a mais comum, a perspectiva da representação social (o mito é representação de um outro conteúdo, mais ou menos como no alegorismo e no evemerismo, em que os mitos eram interpretados como alusões a fatos e personagens históricos) e a segunda, a da inversão alegórica (uma alusão à inversão da perspectiva alegorista e evemerista, e mesmo representacional, em que a história e a cultura são disfarces para mitos).

Neste estudo, reflete-se sobre a ambivalência Natureza/Cultura patente na dupla Spear (humano)/Fang (dinossauro), mas também intrínseca ao próprio Spear (Titã/ser intermediário) que perpassa a série e conduz o espectador a repensar as características humanas do processo civilizatório, incluindo nele a participação da natureza. Também parece saltar aos olhos o aspecto violento do processo de civilização desde sua origem. O que pensar sobre o processo civilizatório e sua relação com a violência? O que a série nos diz sobre as relações entre o masculino e o feminino no processo civilizatório em sua dimensão arquetípica (os homens e Pandora) atualizada através da narrativa de *Primal*?

O artigo está estruturado em quatro partes. Inicia-se o percurso mostrando as características ambivalentes do mito de Prometeu, tal como chegou aos nossos dias, a partir de suas versões gregas. Em uma segunda parte, mostra-se o aspecto titânico do personagem Spear, adentrando a própria noção de Titã, enquanto ser intermediário entre as forças primordiais da criação (Gaia e Urano) por um lado, e os deuses civilizadores

por outro (Zeus e os olímpianos). Na terceira parte, adentra-se as características do processo civilizatório identificado na relação afetiva entre os protagonistas Spear e Fang, especialmente, nas participações femininas de Fang e, posteriormente, de Mira, na tomada de consciência de Spear sobre sua existência e seu lugar no mundo. Por fim, mostramos como a mitocrítica da série nos informa sobre a coincidência entre opostos civilização/selvageria e masculino/feminino que se complementam.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. A ambivalência no mito de Prometeu

Na mitologia grega, Prometeu é o titã que age sempre em função da humanidade, mesmo que para isso deva desafiar o regime dos deuses. Cabe lembrar que os titãs são seres criados muito antes dos deuses olímpianos; ficaram muito tempo presos no ventre de Gaia e só foram libertados depois que Zeus, o último filho de Urano e Gaia, cortou o pênis do pai e libertou a mãe do seu jugo. Os titãs travaram uma guerra longa contra os deuses do Olimpo comandados por Zeus. Prometeu previu o desfecho da guerra e avisou seu irmão Epimeteu que melhor seria ficar do lado de Zeus. O nome Prometeu está relacionado à sua capacidade de antecipar o futuro, enquanto o irmão Epimeteu ao contrário age no imediatismo do impulso. Desta forma, Prometeu torna-se o único titã a permanecer ao lado dos deuses olímpianos, exercendo uma função protetora da humanidade ante o poder divino.

Um mito conta que os homens haviam sido abençoados com o uso do fogo em troca de adoração aos deuses, mas que tendo os homens esquecido de louvá-los, Zeus decidiu castigá-los. Então, durante uma assembleia no Olimpo para decidir o destino da humanidade, Prometeu propôs a Zeus que escolhesse entre dois sacos, um repleto de ossos e envolto em reluzente gordura e outro menor, com uma porção de carne dentro. Zeus escolhe então o primeiro, mas fica enfurecido ao perceber que este foi propositalmente carregado de gordura reluzente para induzi-lo ao erro e que os homens ficaram com a carne. Furioso, o pai dos deuses decidiu retirar o fogo dos homens como consequência das ações de Prometeu. Compadecido pelo sofrimento da humanidade, o

titã então rouba o fogo do Olimpo para devolvê-lo aos humanos, mas acaba sendo punido. A sentença final dada por Zeus foi de que Prometeu ficaria preso a uma rocha enquanto todas as noites uma águia (animal sagrado de Zeus) viria para lhe dilacerar o fígado, que todas as manhãs se regenera apenas para que sofra novamente.

O escritor grego Ésquilo, ao escrever “Prometeu acorrentado” cerca de 400 anos antes do nascimento de Cristo, traz uma versão do titã que até hoje molda a representação simbólica construída em torno de seu personagem. Na obra, Prometeu é precisamente (Jaeger, 1995, p. 312) um titã, pelo seu desmedido amor, que pretende erguer violentamente a humanidade sofredora acima dos limites que lhe impôs o soberano do mundo, e pelo orgulhoso ímpeto da sua força criadora.

A ambivalência de Prometeu é derivada tanto de sua astúcia quanto de sua capacidade de estabelecer vínculos afetivos em contraste com a potência titânica de todos os seus atos. Enquanto, por um lado, ele pode ser entendido como um ser traidor de seus iguais ao criar maquinações e ardis em defesa daquilo a que é mais ligado - a humanidade; por outro, ele é uma expressão da matriz fundamental da vida selvagem encarnada pelos titãs, esses seres primordiais, filhos de Gaia e Urano, que ficaram durante tanto tempo presos dentro do ventre da mãe, condenados ao sofrimento. Prometeu é, na mesma medida, o canal da mudança e sua causa, a necessidade de ascender à luz (da consciência) e o princípio do seu fogo (instintivo).

Antes de mostrar os aspectos prometeicos do personagem Spear, é preciso introduzir dois elementos estéticos da série, diretamente ligados à história cosmogônica mítica da origem da humanidade. Pois junto ao fogo, o mito grego narra que também foi entregue aos homens a primeira mulher: Pandora e sua caixa, Pandora e sua curiosidade que, de acordo com o mito, libertou o mal de dentro da caixa, mas manteve guardada a esperança. A série faz uma opção estética pelo anacronismo permitindo que, na ficção, o muito humano Spear aprenda a conviver com uma dinossaura bastante antropomorfizada, Fang, como veremos e, mais à frente na narrativa, com a humana Mira. Veremos que essa convivência com o feminino será, para Spear, uma experiência transformadora.

2.2. Spear, um titã em transformação

Em *Primal* (2019), o homem primitivo Spear não age por filantropia como o famoso Prometeu, mas sempre encontra uma forma de burlar a ordem das coisas para agir em defesa daquilo que julga ser de sua responsabilidade proteger, seja por laços de afeto ou puramente pela necessidade de sobreviver. Toda a série alterna diante de um tempo cíclico que atua como pano de fundo para expressar como se manifesta a vontade de sobreviver e a razão pela qual vale a pena viver. Entre competição e empatia, diria Frans De Waal (2010), ao mostrar que a tendência à empatia se estabeleceu há centenas de milhões de anos junto com a necessidade de lutar de todas as formas para garantir a sobrevivência em uma realidade onde a competição entre seres dotados das qualidades e forças as mais diversas é evidente. Ao se colocar no lugar dos outros, os animais sociais ajudam a construir grupos mais coesos - o que também auxilia em sua sobrevivência.

Ao agir como um ser pensante, inventor de sua própria sorte, o protagonista cada vez mais se associa à pulsão de vida que a mitologia grega incorpora no mito de Prometeu. O fogo de Spear não é ainda sua engenhosidade técnica, mas tudo aquilo que o motiva a seguir adiante: a parceria com Fang, a memória da família perdida, novos lugares para descobrir e os prazeres da vida, desde relaxar à beira de um lago até se envolver em uma nova aventura. Através de seus instintos e consciência ele se entende como um indivíduo com deveres inerentes à sua existência, como procurar recursos e abrigos, caçar e proteger sua família.

A violência na animação está longe de ser pornográfica, isto é, de não possuir propósito narrativo e servir apenas para causar impacto instantâneo, como é o caso de diversas obras populares da contemporaneidade. Tal uso da violência é comum em filmes de ação e terror, mas vários exemplos podem ser encontrados mesmo em produções aclamadas, como as do diretor norte-americano Quentin Tarantino: *Bastardos Inglórios* (2009), *Kill Bill* (2003) e até mesmo *O Albergue* (2005) como uma pequena amostra desses casos. *Primal*, por sua vez, se diferencia por tratar violência e brutalidade como razões instrumentais resultantes da organização de um mundo primitivo que exige o pior e o melhor de todos. A violência foi habilmente empregada ao longo das eras para construir e consolidar diferentes formas de estruturas

socioeconômicas, seguindo moldes distintos de acordo com os interesses em questão e a sagacidade daqueles por trás dela. Por exemplo, de acordo com Andersen e Sturluson (2020, p. 20):

O início da migração viking é marcado por uma expedição a Lindisfarne [...] Durante esse ataque, muitos monges foram mortos, jogados no mar ou tomados como escravos. Esse evento preparou o cenário para a imagem que os vikings teriam a partir de então: guerreiros selvagens.

Séculos mais tarde, Eric Hobsbawm escreveu que “de 1792 a 1815 houve guerra quase ininterrupta na Europa, em combinação ou simultaneamente com outras guerras fora do continente [...] As consequências da vitória ou da derrota nestas guerras foram consideráveis, pois elas transformaram o mapa do mundo.” (1977, p. 134)

O uso da força e o exercício da violência não são novidade. A criação de ferramentas foi precisamente o que desencadeou a criação de armas. Essa mesma violência utilizada na história da humanidade não se limita apenas à sobrevivência, uma vez que ela é uma presença constante no processo de civilização da sociedade, seja de forma física ou intangível, mas sempre constituindo-se em um elemento de dominação. A esmagadora maioria das organizações sociais de que se tem registro hoje passa ou passou por processos semelhantes: vida em comunidade, estruturas de poder políticos, guerras, busca e produção de recursos etc. Ser um indivíduo civilizado, no sentido literal da palavra, consiste em fazer parte de um pequeno universo sociocultural integrado, em que as interações e atividades promovem algum nível de desenvolvimento. Mas o problema da humanidade, por vezes, é deixar essa condição de lado em função de desígnios mais ousados: aquele mesmo fogo que a compelia a ser melhor e encontrar crescimento em um propósito coletivo, constantemente torna-se o princípio de desejos megalomaniacos e egoístas por todo tipo de poder. Segundo Harari (2015, p. 24) “raramente nos satisfazemos com o que já temos. A reação mais comum da mente humana a uma conquista não é a satisfação, mas o anseio por mais. Os seres humanos estão sempre em busca de algo melhor, maior, mais palatável.”

Exemplo disso é no quinto episódio da série, em que, dentro do contexto de uma civilização tribal composta por outra espécie de primatas, cuja organização social gira em torno de um sistema de confrontos em uma arena de combate enquanto outros

assistem e vibram. Ambos capturados, Spear e Fang precisam lutar para sobreviver como gladiadores sem sequer entender pelo que exatamente aqueles homens-macaco estão se confrontando.

Aqui é apresentada uma violência animalesca e que remete à forma mais bestial do ser pensante, uma vez que, apesar de animais, são todos representados de forma antropomorfizada, chegando até mesmo a consumir substâncias para alterar sua forma física e desempenho, em uma clara referência ao consumo de drogas e outras substâncias atualmente muitas vezes consideradas ilícitas, mas tradicionalmente utilizadas em todas as sociedades humanas. Existe também a implicação de uma estrutura de crenças específicas na duração do conflito, a qual fica mais aparente com a aparição de um indivíduo primata que parece ser uma figura de autoridade semelhante a um sacerdote com forte poder político na comunidade, usando um manto e apoiado em um cajado. Ele parece ordenar o embate e decide quais entre os competidores ganham o direito de consumir um estranho líquido preto que potencializa sua forma física, mas ao mesmo tempo parece levar quem o bebe a um estado de ódio incontrolável.

Os primatas, na animação, também se revelam antagônicos aos dinossauros: dispostos pela arena, há uma série de crânios daqueles que foram derrotados. O porquê não é muito explorado, mas o ápice se dá no momento em que Spear, sob efeito do tal líquido preto, enfrenta um primata que recebe a ordem do sacerdote de escolher um dos crânios como elmo para matar Fang. No fim, os protagonistas conseguem vencer e escapar, mas não sem sofrer os danos da violência em seu aspecto mais humano e animal ao mesmo tempo.

A narrativa reflete desde um misticismo incorporado ao esquema de combates e uso de substâncias, como também faz referência a um estilo de sociedade guiado pela força e a conquista do outro que se faz presente em diversos aspectos da história da humanidade. Esta é cada vez mais elaborada na medida em que a sociedade primitiva vai cedendo espaço para formas mais complexas de organização e validação de estruturas de poder, recorrendo a recursos sociopolíticos para embasar e justificar seus mais diversos atos.

Seguindo a continuidade dos fatos, o sexto episódio aborda de forma muito mais aprofundada o caráter evolutivo que conduz o protagonista a se reinventar. Feridos após

o combate, Spear e Fang são obrigados a buscar abrigo enquanto a dinossaura se recupera de suas lesões. O problema surge quando Spear, sempre atento ao ambiente, começa a perceber que predadores e carniceiros estão seguindo-os na esperança de comida garantida através de uma presa fácil. Quando o homem percebe que não tem força o bastante para carregar a companheira, ele usa cipós, bambus e pedras para construir uma maca para transportar o corpo de Fang e uma lança para armar. Durante a noite, o perigo maior exige fogueiras para afastar inimigos, além de aquecer e iluminar. No momento em que continuar fugindo se torna insustentável, a dupla busca abrigo em uma caverna que mais tarde vai ser barricada e fortificada. Por fim, depois de notar o quão rígidas e afiadas eram as carapaças de alguns insetos inconvenientes que aparecem eventualmente na caverna, uma nova ferramenta é criada pela engenhosidade de Spear: o equivalente primitivo de um soco inglês.

Todo esse arco é construído em uma corrida contra o tempo em que o instinto e a capacidade analítica se revelam as chaves para continuarem vivos. Eles antecipam: sabem que quanto mais rápido se curarem, mais cedo poderão retomar suas vidas em um lugar mais seguro. Mais do que sobrevivência, a inovação e a criatividade são forças motoras da capacidade de abstração e organização humana, configurando ferramentas inerentes a sua existência e essência mais básicas.

Spear, na série, é essencialmente humano e segue uma jornada do herói que o obriga a desfazer seu “eu” anterior para ser forjado em algo maior e melhor, como fica nítido ao final da primeira temporada em que ele se revela muito mais determinado e resiliente com relação ao ambiente ao seu redor e aos indivíduos que o compõem do que no primeiro episódio da série. Ele entende a utilidade e o peso da violência na mesma proporção quando precisa ser resiliente, frequentemente excedendo seus limites diante de ameaças que põem em risco o bem-estar de quem ama.

Suas relações são constantemente exploradas na medida em que esse fator humano o impulsiona, mas também acaba por ser uma característica limitante. Exemplo disso é sua relação com Fang: as diferenças entre ambos o tiram do sério, mas sem os conflitos daí gerados, ele não seria obrigado a amadurecer e encontrar uma versão melhor de si mesmo ao longo da história. É graças a esse confronto e ao enfrentamento da alteridade que, ao final da primeira temporada, ele se mostra tão aberto a interagir

com a nova personagem que aparece. Mira é apresentada como uma mulher escravizada de uma civilização além-mar, introduzindo aos protagonistas e ao público esquemas como a linguagem verbal, organização social e religião pela primeira vez; tudo isso ocorre sob a ótica de Spear, que nunca havia sequer concebido tais conceitos. Essa possibilidade de mudança diante do inesperado é o que move não somente o protagonista, mas todo seu mundo e, por conseguinte, a narrativa.

2.3. A humanidade de Spear e Fang

Voltemos ao início da narrativa: a história começa quando ambos os personagens Spear e Fang sofrem a perda de suas famílias em função do ataque de um grupo de dinossauros maiores e mais agressivos. Até então, eles viviam de forma simples, procurando alimento, protegendo suas crias e evitando predadores maiores. Quando a tragédia acontece, o que antes configurava dois inimigos naturais torna-se complementaridade e harmonia dos opostos: a solução para evitar a morte dos protagonistas se dá no momento em que estes percebem que somente através da aliança entre a engenhosidade de Spear e a força bruta de Fang será possível sobreviver. É dessa forma que o combate se encerra e, agora com suas vidas transformadas de forma irreversível, uma conexão se forma entre os dois, forjada entre o sangue derramado no passado e a vontade de seguir em frente. O que molda a jornada dos dois seres a partir de então são os diferentes caminhos que eles seguem juntos. Competição e empatia necessariamente se complementam na viabilização da existência desses dois seres diferentes em relação.

Durante o enfrentamento dos conflitos que surgem, os personagens são obrigados a amadurecer não somente diante das dificuldades do ambiente, mas também das diferenças dentro de sua própria relação. Fang e Spear se opõem e complementam de diversas formas. Ela é uma força selvagem, feminina e indomável, uma representação da maternidade e da emoção que se vale de seu poder, de sua resistência e de sua teimosia para conseguir o que quer. Na verdade, essa é justamente uma das problemáticas da série: tratá-la como algo com que o homem precisa aprender a lidar e que necessita domesticar para que então se estabeleça uma harmonia. Sucede uma série

de confusões até o momento em que ambos se entendem como aliados de igual valor, em que suas diferenças são o que os torna seres equivalentes e não seres em relação de exclusão. Spear parece ter sido pensado para ser um agente da dominação de todo o mundo ao seu redor. Através de sua inteligência para se valer do ambiente, criar alianças e desenvolver ferramentas, ele é apresentado como um civilizador e, portanto, portador daquilo que é um fator extraordinário dos seres humanos: a criatividade para lidar com conflitos, um paralelo ao fogo motor do Prometeu mitológico, movido pela vontade de progresso, outro mito civilizador.

Ele também age assim diante do aparecimento de Mira em sua vida, ficando curioso sobre suas atitudes e características e tentando aprendê-las enquanto apresenta seu próprio mundo para ela. Mais um paralelo entre as histórias é criado: no mito de Prometeu, Zeus personifica o primeiro castigo na forma de uma mulher que traz consigo os males essencialmente humanos do mundo, tornando Pandora o arauto do sofrimento e da resiliência que este exige. Em *Primal* (2019), é também a presença feminina que abre caminho para uma nova forma de humanidade, tanto na relação de Spear com Mira quanto com Fang.

Várias figuras femininas são tradicionalmente retratadas como catalisadoras da história dos homens, apesar da onda recente de protagonismo feminino. Eva, Circe, Ísis e tantas outras não conseguiram escapar do impulso masculino de dominação, tendo que aprender a contorná-lo. Mesmo a poderosa Cleópatra embrenhava-se nas entranhas dos seus dominadores para afrontá-los não com a intenção de impressioná-los, mas com o objetivo de vigiar de perto todos os movimentos anti orientais (ROBLES, 2019, p. 180).

Em *Primal* (2019), o feminino é apresentado na ótica de um homem em processo de transcendência, em uma época em que os conceitos sobre sociedade e civilização não são desenvolvidos nem compreendidos da mesma forma que na atualidade. Isso abre espaço para desenvolver a narrativa utilizando elementos de caráter místico e selvagem, sob certa licença poética, para abordar a dicotomia feminino/masculino presente nos protagonistas, no mundo ao seu redor e seus aspectos simbólicos. No episódio oito, uma tribo composta apenas por mulheres de aspecto envelhecido realiza sacrifícios em que um homem tem seu corpo pintado com estranhos símbolos rupestres verdes para, mais tarde, ser queimado vivo sob a liderança de uma

anciã. A partir da vida ceifada do homem, uma criança é magicamente concebida dentro da anciã e entregue a uma mulher que esperava com outras pelo final do ritual, dando a entender que existe uma estrutura básica para determinar quem vai receber a honra de criar e proteger aquele novo membro da tribo.

Mais uma vez em apuros, Spear e Fang são perseguidos e capturados depois de espiarem toda a cena por acaso e se veem à mercê do julgamento da mulher encarregada de mantê-los cativos até a próxima cerimônia. Depois de vê-los lutando tanto por sua liberdade, ela se utiliza de um feitiço para viajar entre suas memórias em busca do porquê de tanto esforço para proteger um ao outro mesmo sendo dois seres tão distintos. Tocada pela tragédia deles, agora ela tem que decidir se vai oferecer ajuda para que possam se libertar ou seguir em frente na esperança de receber uma cria que substitua aquela que perdeu, como é mostrado em um *flashback*.

Durante todo o episódio, a principal questão é saber até onde alguém está disposto a ir para conseguir algo que deseja e garantir a segurança desse objetivo. Mas é nos detalhes que a história apresenta suas reflexões mais importantes. O público é levado a pensar sobre diferentes aspectos do amor, da maternidade e paternidade e como eles se apresentam de formas diferentes, mas ainda assim ricas em profundidade de acordo com o sujeito que os vivencia. Isto é, dentro de uma pequena sociedade feminina e hierarquizada, os protagonistas são obrigados a lidar com partes traumáticas de seu passado de novo na medida em que uma de suas raptoras se utiliza de magia para ver, dentro de suas mentes, tudo aquilo que eles já passaram, levando o público a rever esses momentos sob a perspectiva e a sensibilidade de um terceiro indivíduo. Ao focar não apenas no que eles possuíam, mas também em como cada um valorizava e se comportava diante disso, eles acabam guiados por seus instintos mais primários como relação tanto à forma de ser e amar quanto à dor e ao luto resultantes da perda.

A animação trabalha o desenvolvimento da relação entre Spear e Fang como algo que, a princípio, é entendido, sob a ótica do ser humano, como algo que o homem precisa dominar e proteger, deixando de reconhecer a força e a natureza de uma personagem que é muito mais dona de sua própria história do que apenas uma mascote rebelde. Aos poucos ao longo da narrativa, as nuances começam a aparecer e camadas vão sendo dissecadas. A afetividade estabelecida entre eles passa a suavizar seus

embates sobre dominação e costumes, criando um cenário em que ambos realmente se importam e cuidam um do outro. À sua própria maneira, cada um deles passa a entender os limites e vantagens de suas capacidades, tanto físicas quanto mentais, aprendendo a trabalhar em sintonia e partir em defesa um do outro ao construir uma nova família. Parece que aqui o conceito de empatia se adequa novamente para se compreender como o sujeito consciente se concebe a partir do contato com a alteridade. Esta última não é apenas desafio e contrariedade, ela também é promessa de harmonia e equilíbrio.

2.4. Análises e discussões mitocríticas: a coincidência dos opostos

Apresentados os fatos e análises, a série animada *Primal* (2019) apresenta um universo rico em conteúdo mítico para ser analisado, em que a figura de Spear ilustra os processos de sobrevivência e adaptação diante da natureza dentro do que se pode considerar um mito da força arquetípica de Prometeu e seu fogo divino, a força motora de sua humanidade.

A animação é uma representação de como o homem primitivo se percebe paulatinamente, mas encontra em si mesmo a resiliência para se reinventar diante da realidade, na medida em que a mudança do próprio mundo exige sua adaptação, incentivando a constante criatividade que é tão característica dos humanos. Remete à interpretação feita por Camus a respeito de Sísifo e a de Gide para quem Prometeu é figura arquetípica da criação. Para o primeiro "é preciso imaginar Sísifo feliz" mesmo em sua incessante luta, e para Gide:

Além disso, tendo feito o homem à minha imagem, agora compreendo que em cada homem esperava algo não fechado; em cada um deles estava o ovo da águia... E então eu não sei; Eu não posso explicar isso. – O que sei é que, não satisfeito em dar-lhes a consciência do seu ser, queria também dar-lhes uma razão de ser. Eu lhes darei fogo, chama e todas as artes cujo alimento é uma chama. Aquecendo seus espíritos, criei neles a crença devoradora no progresso (Gide 1958, p. 324, tradução nossa).⁴

⁴ D'ailleurs, ayant fait l'homme à mon image, je comprends à présent qu'en chaque homme quelque chose d'inéclous attendait ; en chacun d'eux était l'œuf d'aigle... Et puis je ne sais pas ; je ne peux expliquer cela. – Ce que je sais, c'est que, non satisfait de leur donner la conscience de leur être, je voulais leur donner aussi raison d'être. Je leur donnerai le feu, la flamme et tous les arts dont une flamme est l'aliment. Échauffant leurs esprits, en eux je fis éclore la dévorante croyance au progrès (Gide 1958, p. 324).

Nesse cenário, como visto, a violência desenvolve-se enquanto razão instrumental para alcançar fins específicos, como caçar e enfrentar ameaças dentro da cadeia alimentar. A partir do momento em que o homem primitivo começa a se apegar aos recém-adquiridos conceitos de posse e relação (seja para com o ambiente ou aqueles que o compõem), traçam-se os princípios do que mais tarde vai culminar em um processo civilizatório guiado pelo desejo de dominar além de simplesmente conquistar. Na série, *Spear* não parece se preocupar com isso: ainda não passou por essa abstração em específico até o final da primeira temporada. Esse é precisamente o momento em que ele é introduzido à ideia de civilizações de maior complexidade em que, segundo Darcy Ribeiro (2000), só em condições excepcionais as sociedades têm oportunidade de experimentar processos evolutivos contínuos puramente ascendentes que as conduzam a viver sucessivamente diversas etapas da evolução. Via de regra, são interrompidas por várias causas conducentes à estagnação e à regressão cultural ou a desenvolvimentos cíclicos de ascensão e decadência.

Em *Primal* (2019), *Spear* conduz o espectador à reflexão sobre a transcendência do ser enquanto indivíduo isolado, recém socializado e fundamentalmente em relação com a natureza que o cerca e através da qual ele também se define. Essa ambivalência se reflete em sua forma de interpretar, sob a ótica masculina, e conduzir suas relações com aqueles que o acompanham, como é o caso de Fang, e para consigo próprio também. Para Harari:

Segundo evidências antropológicas e arqueológicas, os antigos caçadores-coletores eram animistas, isto é, não acreditavam na existência de uma distância necessária entre os humanos e os outros animais. O mundo [...] pertencia a todos os seus habitantes, e todos seguiam um conjunto de regras comum” (HARARI, 2018, p. 69).

Constrói-se um processo lógico na mente do público que o induz a pensar acerca de todo o processo de desenvolvimento pessoal e civilizatório através da natureza em suas mais delicadas nuances, tratando do comportamento desse mesmo homem primitivo pela forma como ele se posiciona e interage com a vida ao seu redor, da menor das criaturas até o maior dos oceanos em relações que alternam entre a cooperação e a dominação. Prometeu é o nome da promessa. A esperança da desesperança, simbolizadora da força da criação e, necessariamente, também da

resistência. Spear é o nome da lança, da arma fálica que torna o ser humano invencível, dando a entender que sem violência e capacidade de luta, não há como resistir e ser criativo.

Fang, por outro lado, não precisa dominar a natureza: ela é a natureza. Não é por acaso que por meio dela e outras personagens femininas, como Mira e a tribo mágica, se exploram os instintos mais animais do ser, juntamente com aspectos como a maternidade e abstrações densas como a raiva, insubordinação e o misticismo. O feminino primitivo é apresentado aqui como uma potência ancestral, indomável, selvagem e sagrada, uma Pandora tateando para sentir os arredores da caixa em todos os seus detalhes e gravuras. É uma força da natureza por si só que se organiza e evolui em um processo civilizatório marcado por suas próprias formas, ainda começando a ser condicionado pelo impulso de dominação do homem em relação ao mundo. Não é por acaso que mais tarde, como consequência de tal processo e sob influência da lógica patriarcal, a mulher deixa de ser um objeto de exaltação e torna-se uma posse, mas em todos os casos é sempre algo além do homem, através do qual ele se define justamente pelo entendimento de suas diferenciações. É o que Simone de Beauvoir (1949, p. 266) quer dizer quando pontua que “ele projeta nela o que deseja e o que teme, o que ama e o que detesta. E se é tão difícil dizer algo a respeito é porque o homem se procura inteiramente nela e ela é Tudo. Só que é Tudo à maneira do inessencial: é todo o Outro.”

Este mesmo homem encara a forma feminina da mulher, da fêmea e da natureza entre as duas como uma figura distinta de si próprio, de forma que ambos podem ou não se complementar enquanto forças e fenômenos nascidos do design do universo.

Retomando Beauvoir

Diante de si, o homem encontra a Natureza; tem a possibilidade de dominá-la e tenta apropriar-se dela. Mas ela não pode satisfazê-lo. Ou ela só se realiza como uma oposição puramente abstrata e é então obstáculo e permanece alheia, ou se dobra passivamente ao desejo do homem e deixa-se assimilar por ele; ele só a possui consumindo-a. (BEAUVOIR, 1949, p. 199)

É essa condição ontológica do humano – a coincidência dos opostos masculino e feminino, civilização e selvageria – que parece estar retratada na série que termina com uma espécie de início da história social da civilização que conhecemos.

3. CONSIDERAÇÕES

Se Spear é a arma, Fang é a presa, a natureza à disposição do homem caçador, lutador e criador que constrói sua civilização pelo viés da dominação e da violência. No entanto, é na interdependência entre caçador e presa, entre cultura e natureza, entre civilização e selvageria que a humanidade existe no mundo e pode permanecer conduzindo seu processo evolutivo, marcado pela criatividade e senso de progresso. Eles não se definem um através do outro ou pelas suas diferenças intrínsecas, e sim pela sua própria natureza na medida em que desvendam as possibilidades e os mistérios de suas identidades; enquanto perpetuam seus respectivos arquétipos, mitos e símbolos na história, ainda que esses conceitos não lhes sejam conscientemente conhecidos.

Conclui-se que a série, de tipo teleológico como já visto, estruturada a partir do conflito básico da morte trágica e selvagem dos membros da família dos dois protagonistas, constrói seu arco narrativo acompanhando a evolução da parceria entre dois seres de espécies distintas que, no entanto, aprendem a reconhecer, aceitar e assimilar suas diferenças. Spear e Fang, masculino e feminino, civilização e natureza, predador e presa, todos pares de opostos arquétipos que fundamentam o que viria a ser a história do processo civilizatório humano, uma história de dominação e violência de uns sobre os outros, perpassada por momentos de tomada de consciência.

Apesar da parceria estabelecida, é evidente que o foco narrativo recai no personagem masculino Spear/Prometeu. Qual seria o resultado de um arco cujo foco estivesse posto sobre a personagem Fang/Pandora? Uma cultura baseada nos princípios da participação e do pertencimento do humano à natureza, em que artefatos, técnicas e razão prática estivessem a serviço desse pertencimento e não o contrário?

Primal deixa esse questionamento justamente como uma de suas mensagens principais: o que significa ser civilizado? As formas como o ser humano se organiza social e espiritualmente influenciam até os dias de hoje as forças motoras da sociedade

em seus aspectos políticos e emocionais. Sabe-se que a contemporaneidade está ainda muito marcada por disputas pautadas na polarização de ideias e guerras, sintomas do adoecimento do corpo social e do distanciamento de conexão uns com os outros, bem como da natureza que tanto maltratamos. Ao olhar para esse cenário, é possível entender a profundidade de obras como *Primal* - um reflexo de como, ao longo da história, o imaginário ocidental sempre esteve tomado pela noção de violência e brutalidade, mas também pela esperança encontrada nos momentos mais adversos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, H. C., STURLUSON, S. *Nórdicos: Mitos e Sagas*. Carapicuíba, SP: Pandorga, 2020.
- ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R. de. Fundamentos metodológicos do imaginário: mitocrítica e mitanálise. *Téssera*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 18–42, 2018. DOI: 10.14393/TES-V1n1-2018-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/tessera/article/view/42944>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- BARROS, A. T. "Comunicação e Imaginário: uma heurística" In: De CARLI, A. e BARROS, A. T. (Orgs.) **Comunicação e imaginário no Brasil**: contribuições do grupo Imaginalis (2008 – 2019). Porto Alegre: Imaginalis, 2019.
- BARROS, A. T. Apresentação pública. **Defesa de tese de titularidade**. UFRGS. 21 de setembro de 2022.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo** – fatos e mitos, trad. Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BRUNEL, P. **Mythocritique**. Théorie et Parcours. Paris: PUF, 1992.
- DURAND, G. **Champs de l'Imaginaire**. Textes réunis para Danièle Chauvin. Grenoble: Ellug, 1996.
- DURAND, G. **Introduction à la Mythodologie**. Mythes et Sociétés. Paris: Albin Michel, 2000.
- FANTINEL, D. Mitocrítica fílmica: a interpretação do filme em seu horizonte mítico. *Esferas*, v. 1, n. 24, p. 254-280, 16 ago. 2022.
- GIDE, A. **Le Prométhée mal enchaîné**. Paris : Gallimard, La Pléiade, 1958.
- HARARI, Y. N. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.
- HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**: Europa 1789 -1848. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- JAEGER, W. **Paidéia**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Anthropologie Structurale**. Paris: Plon, 1958.
- LOSADA, J. M. O mito e a era digital. **Esferas**, v. 1, n. 24, p. 19-55, 16 ago. 2022.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- MCKEE, R. **Story: substance, structure, style and the principles of screenwriting**. New York: Harper Collins, 1997.
- PRIMAL (Temporada 1, 10 episódios) [Série]. Direção: Genndy Tartakovsky. Produção: Cartoon Network. Estados Unidos: Cartoon Network/Adult Swim, 2019. (120 min.).
- ROBLES, M. **Mulheres, mitos e deusas**. São Paulo: Goya, 2019.
- RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- WAAL, F. de. **A era da empatia**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- WUNENBURGER, J.-J. O sentido do mito. **Esferas**, v. 1, n. 24, p. 1-18, 16 ago. 2022.

Original recebido em: 21 de outubro de 2022

Aceito para publicação em: 24 de abril de 2024

Amanda Gabriele da Silva

Amanda Gabriele da Silva é graduanda em Publicidade e Propaganda na Universidade Católica de Brasília. É bolsista de Iniciação Científica do CNPq pelo projeto “As formas do mito nas narrativas seriadas digitais: contribuição ao letramento digital.

Florence Dravet

Doutora em Didactologia das Línguas e Culturas pela Université de Paris 3 – Sorbonne Nouvelle. Membro docente permanente do Mestrado em Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília UCB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – PQ2.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional